

UM OLHAR SOBRE AS ATUAIS POLÍTICAS DE LEITURA E DO LIVRO PARA A EDUCAÇÃO NO BRASIL

An overview of current reading and book policies to education in Brazil

Un regard sur les politiques actuelles pour la lecture et les livres dans l'éducation au Brésil

Entrevista: Érico Braga Barbosa Lima

Karina Klinke¹

Universidade Federal de Uberlândia

ÉRICO BRAGA BARBOSA LIMA é graduado em Engenharia Mecânica, mestre em Literatura Brasileira, doutor em Estudos de Literatura com pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É pesquisador e coordenador de projetos na Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio desde 2006 e atua como docente, nesta mesma Universidade, nas áreas de práticas de leitura, literatura e poética. Coordenou e desenvolveu várias pesquisas sobre perfis de leitores, práticas e teorias de leitura, como o projeto PRALER (Biblioteca Digital de Práticas Leitoras), o projeto LER: Verbo em formação (curta-metragens sobre leitura) no IILER (Instituto Interdisciplinar de Leitura PUC-Rio), projeto VIVA LEITURA, criação e produção do TEKNOSPOIESIS (exposição de artes plásticas sobre poesia SEC/PUC) e tutoria do projeto AGENTES DE LEITURA. Publica artigos que envolvem as temáticas leitura e literatura, e, também é autor dos livros como *Quem mais fala do(s) livro(s)!?...* (Rio de Janeiro: Editora Antigo Leblon, 2006) e *O homem que tudo leu* (Rio de Janeiro: Editora Antigo Leblon, 2009), além de vasta produção poética.

Um olhar sobre as atuais políticas de leitura e do livro para a educação no Brasil

Resumo: A entrevista está centrada nas experiências de um professor que se dedicou tanto ao ensino universitário no município do Rio de Janeiro, quanto à coordenação e desenvolvimento de projetos de pesquisa junto ao Ministério da Cultura e à Cátedra da UNESCO de leitura no Brasil, como à escrita de literatura, bem como à editoração. Sem domínio do campo teórico sobre o prático e vice versa, seus conhecimentos entrecruzam esses campos, instigando e fortalecendo a práxis da leitura da palavra e da leitura de mundo sobre a palavra falada e escrita. Como o próprio entrevistado nos possibilita entrever, não adianta elaborar políticas de leitura sem um demonstrativo dos passos que foram dados para alcançar as utopias e os possíveis caminhos a percorrer após os primeiros experimentos. Por isso trazemos ao público uma fração das histórias deste poeta, professor, pesquisador e editor.

Palavras-chave: leitura, literatura, projetos governamentais, *práxis*.

¹Pós-Doutora em História Moderna e Contemporânea pela UNICAMP. Professora da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, com atuação no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) no âmbito da Linha de Pesquisa Estado, Políticas e Gestão em Educação. E-mail: karinaklinke@pontal.ufu.br. Esse trabalho contou com a contribuição da bolsista do MEC, Joyce Caroline Feitosa Queiroz Moura (Graduanda do Curso de Pedagogia, Fapic/UFU), na transcrição de entrevista.

An overview of current reading and book policies to education in Brazil

Abstract: The interview focuses on the experiences of a teacher who dedicated himself to both the university teaching in the city of Rio de Janeiro, as the research projects coordination and development with the Ministry of Culture and the UNESCO reading Chair in Brazil, as to writing literature and about it, as well as publishing. With no predominance of theory over practical field and vice versa, his knowledge intertwine these fields, instigating and strengthening the praxis of reading the word and reading the world on the spoken and written word. As the interviewed allows us to glimpse, it is not worth developing reading policies without a statement of the steps taken to achieve the utopias and possible ways to go after the first experiments. That's why we bring to the public a fraction of the stories of this poet, teacher, researcher and editor.

Keywords: reading, literature, Government projects, *praxis*.

Un regard sur les politiques actuelles pour la lecture et les livres dans l'éducation au Brésil

Résumé: L'interview a porté sur l'expérience d'un enseignant qui s'est consacré à l'enseignement universitaire dans la ville de Rio de Janeiro, aussi que à la coordination et au développement de projets de recherche avec le Ministère de la Culture et de la chaire de l'UNESCO de Lecture au Brésil, comme à l'écriture de et sur la littérature, ainsi que à l'édition. Sans prédominance du domaine théorique sur la pratique et vice versa, ses connaissances pénètrent ce domaine, en stimulant et renforçant la praxis de la lecture du mot et de la lecture du monde à propos du mot parlé et écrit. Comme la personne interviewée nous a fait entrevoir, ça ne sert à rien de mettre au point des politiques de lecture sans une démonstration des étapes qui ont été prises pour parvenir à l'utopie et aux chemins possibles à parcourir après les premières expérimentations. Par conséquent, nous amenons au public une fraction des histoires de ce poète, professeur, chercheur et éditeur.

Mots-clés: lecture, la littérature, les projets gouvernementaux, *praxis*.

Professor Érico, sua formação inicial é no campo das ciências exatas, como foi construído seu envolvimento com pesquisas sobre leitura?

Érico Braga Barbosa Lima: Meu envolvimento com pesquisas sobre leitura é composto por quatro etapas. A primeira advém de meu ingresso no curso de mestrado. Fui fazer o mestrado em Literatura e meu interesse pela leitura sempre partiu da questão metalinguística, da questão filosófica: o que o indivíduo pensa e como ele representa o seu pensamento através da linguagem estética — ou arte literária. Esse mecanismo que leva até a ideia foi o que sempre me atraiu no literário: as formas de pensamento. E estas passam por um indivíduo, ou um sujeito, que é muito mais do que somente ele mesmo ou o que ele pensa que é; mas sim o atravessamento das várias ideologias, das várias questões e, também, das várias formas que a própria linguagem inicialmente carrega. Então, eu fiz um trabalho metacrítico sobre Augusto dos Anjos.

No caso, interessavam-me duas coisas. Primeiro: quais as formas ideológicas que atravessavam os críticos, ou seja, porque eles gostavam de Augusto dos Anjos ou o que eles pretendiam ver nele ou os mecanismos através dos quais eles analisavam o literário (o literário não é somente um mecanismo linguístico, tem muito mais do que isso). Em seguida, procurei quem era esse leitor de mundo que era Augusto dos Anjos e quais as suas peculiaridades (obviamente, através da linguagem e da própria linguagem poética). Eu sempre fui muito interessado por entrevistas; então eu me via de certa forma entrevistando Augusto dos Anjos através da sua poesia. Sempre desconfiado, obviamente, porque estava trabalhando não só com uma personagem autoral e literária, mas no caso da poesia, com diversas personagens literárias e formas de pensamento, nas quais o autor se utiliza dessa criação do eu-lírico, ou de quaisquer outros instrumentais, para poder criar essa figuração, essa ambientação que é a poesia. Essa é uma esparrela em que cai normalmente o leitor de primeira viagem (e até alguns críticos) quando com ela se relaciona, que é confundir o eu-lírico com a personagem, a personagem com autor, com a personagem biográfica, e por aí vai!...

A segunda etapa foi no doutorado, durante o qual eu percebi que era mais interessante lidar com uma pluralidade de leitores... E me interessei, via Augusto dos Anjos, por um sujeito chamado Tobias Barreto, que teria sido uma espécie de prógono da Escola de Recife. Era muito curioso porque havia vários epígonos, por assim dizer, ou as pessoas interessadas na personalidade de Tobias Barreto. Eram muitas, assim como havia os detratores e também os grandes críticos. Então, mais uma vez eu tentei construir uma panorâmica ou busquei entender as formas de esse autor conseguir tocar o mundo através dos diversos mecanismos à sua disposição: filosóficos, críticos, crítico-político-ideológico e estéticos também dessa figura, ou seja, como ele lia este mundo através das várias lentes que eram dadas a ele pelas ciências, pelas artes etc.. Hoje em dia todas essas informações são muito misturadas, e isso parece até normal... E também era interessante porque eu tinha uma série dessas personalidades em seu entorno. Então, mais do que tentar desentranhar esse sujeito multifacetado, era provocar a interação entre esses diversos leitores e o leitor Tobias Barreto.

A solução para isso foi criar uma espécie de polifonia crítica e estética; o que eu fiz foi criar uma espécie de teatro e um romance, em que essas personagens leitoras discutem e interagem dramática e dramaturgicamente com Tobias Barreto. Tentei experimentalmente ver quem é esse leitor e quem são esses leitores pelo efeito, pelas trocas, pelo diálogo entre eles. Para isso consultei Bakhtin, teórico russo, como uma ferramenta, um respaldo teórico-crítico que pudesse me ajudar a compreender esse mecanismo e, de certa forma, ser uma justificativa para esta estratégia utilizada no doutorado.

A terceira etapa das minhas experiências foi tentar aplicar isso como pesquisa efetivamente e através da docência. Dei aulas em universidades na graduação e na pós-graduação e, em todos esses cursos dava aulas principalmente de Formação de Leitores. Fiz entrevistas e recolhi depoimentos; através, inclusive, de exercícios teórico-práticos nas provas, a partir das quais eu tentava recolher elementos que pudessem me fornecer uma pista sobre quem é esse leitor universitário. Quem é essa figura que entra no primeiro período da

Universidade?... Independente do curso, pois às vezes as inclinações não dizem muito respeito necessariamente a quem é esse leitor; mas o fato de estar na universidade é um passo importante. Daí, tentei trabalhar isso transdisciplinarmente. Assim, compus nos últimos 12 anos um acervo gigantesco que comecei a catalogar, mas ainda falta muito trabalho, faltam colaboradores, falta dinheiro e estrutura para concluir a organização do acervo já constituído. Tenho – mas ainda não consegui organizar – à disposição uma enorme gama de perfis de leitores universitários.

Em sua carreira, você teve experiência no ensino de historiografia literária. Como considera a contribuição das pesquisas históricas para a compreensão da leitura no tempo presente?

Érico Braga Barbosa Lima: é uma pergunta que exige uma resposta mais sistemática, mas tentarei elaborá-la de forma sintética, embora restrita. Não vou repetir os autores que falam da necessidade de conhecimento histórico, porque são muitos; vou me restringir à experiência profissional, como combinamos. Quando, no Ensino Médio, optei por fazer graduação em Física, o professor de História me disse algo curioso: “Érico, se você for fazer Física, mas não estudar História, você vai ser um físico xexelento”. Pego isso de uma forma genérica e aplico a todas as profissões. A pessoa que não tem a consciência histórica perde muito, fica muito restrita a uma ilusão pedagógica e a uma ilusão sincrônica. A ilusão pedagógica é a de que tudo pode ser ensinado e ser compreendido e que tudo está à disposição.

A ilusão sincrônica é a de que tudo aconteceu ao mesmo tempo e que tudo está aí, sempre esteve aí do jeito que está e será assim para todo o sempre. Se a pessoa não tiver certa noção das condições de determinados tempos, das limitações inclusive materiais dessas condições, não consegue perceber que o presente foi “construído”. De que tudo que se tem atualmente é devido a uma artificialidade consciente, mecânica, de construção daquela forma do saber. No ensino de Historiografia Literária esses mecanismos me interessaram muito, pois as diversas histórias construídas dentro da História eram sempre diferentes e incompletas. Não diferentes em relação ao futuro que faltava a elas, obviamente, mas diferentes em relação ao próprio passado que elas descreviam. Então, a História escrita há cem anos é diferente da história escrita há cinquenta anos e ambas são diferentes da História como a vemos hoje. Isso quer dizer que estamos cada vez mais próximos de uma História definitiva e objetiva? Não. Porque quanto mais completo se torna o estudo da História, mais difícil se torna estudar e entender todos os mecanismos para poder tentar entendê-la.

Como, por exemplo, temos Cônego Fernandes Pinheiro, com seus livros didáticos de literatura brasileira de 1864, 1875 e outros; eles ensinavam literatura portuguesa! Traziam conceitos e categorias que hoje estamos começando a recuperar, como “epistolografia”, “discursos políticos”, “oratória”, crônicas de viagem. São categorias que hoje são impensáveis de se entender no literário *stricto sensu*, que hoje ficou restrito a uma espécie de “esteticismo reformista” do literário ficcional. Hoje em dia são colocados como prógonos das mudanças nos tempos literários aqueles que dentro, principalmente do romance,

conseguiram fazer algum tipo de alteração para com uma estética anterior. O curioso de se observar isso — e aí está a importância da consciência histórica —, é que essa mudança não revela o que era o passado, senão pela contradição, pela reforma, pelo que trouxe de diferente, pela capacidade de desvelar uma realidade que a estética passada não mostrava. Então não mostra a quantidade de “erros” que aquela corrente estética professava. E era através daquela corrente estética, através do literário “antigo”, que o mundo via o próprio mundo.

Segunda coisa: se houve a publicação de um determinado livro em um determinado ano, não significa que de imediato ele tenha promovido uma grande transformação no modo estético e literário. Às vezes são necessárias décadas até que determinada corrente faça um efeito e isso não acontece, muito menos, a partir de um único livro. E às vezes nunca vai ter determinado efeito, como é o caso de Augusto dos Anjos. Muitos o decoram, ele chama a atenção aqui ou ali, volta e meia alguém, como eu, faz um estudo, portanto busca outros aspectos, mas onde, efetivamente ele foi importante para a transformação das “cabeças pensantes” ou da forma de pensar a estética? Não foi. Este é um exemplo para explicar porque o conhecimento histórico de “processo”, de “transformação” é importante para desfazer determinadas formas de ilusão de se ver o formato atual como o formato ideal, desde sempre, e com todas as facilidades de acesso.

Digo isto também porque estamos em uma época em que a leitura está artificialmente facilitada. Temos acesso a qualquer tipo de informação pela via de uma rede mundial de computadores, pontual, não respaldada, ou ela é validada, em sítios confiáveis, ou não. Isto dá a ilusão de que é possível acessar e que, se não houve acesso àquela respaldada, mas houvesse um pouco mais de esforço, seria possível alcançá-la. Então, não tem o mistério, não tem a dificuldade, só se tem é uma inteligência ou forma de alcançá-la. O que acontece com isso é que a pessoa fica satisfeita só com a potencialidade e não com a sua efetiva conquista. O tempo que existia antigamente entre, por exemplo, o recebimento de uma carta, de uma notícia, era algo muito importante na constituição de uma consciência leitora. Do que se espera e se constrói como expectativa da atenção efetiva que será dispensada!... Da desconfiança diante daquele tipo de informação também como informação construída!... Estamos vivendo uma época em que, supostamente, tudo é efetivamente dado em suportes e linguagens que se intercomunicam.

Mas também estão todos cada vez mais distantes da capacidade de abstração, de conceitos mais elaborados e de uma possibilidade de articulação na qual o sujeito traga para si a responsabilidade de tentar organizar a leitura por si mesmo. Tudo é dado, inclusive a forma através da qual se deva pensar para articular determinadas formas de conhecimento e suas variadas formas estéticas. Por isso cada vez mais a leitura deve ser restituída ao indivíduo e não manter esse formato coletivizante.

Quanto a isso faço uma crítica a esse formato de construção do conhecimento que, de certa forma, cabe muito bem a certos arquétipos que se faz da ciência, nos quais é importante reconhecer humildemente cada “gotinha” com que se que contribui para com o conhecimento. Mas para ser dada essa “gotinha” de contribuição é preciso envolver, muitas

vezes, toda uma vida, todo um ser para poder constituí-la. Dar uma “gotinha” para o conhecimento não é dizer “em nível de”, “consequentemente”, e juntar uma longa referência bibliográfica de nomes repetidos. É, em suma, assumir a responsabilidade por cada momento da construção daquele conhecimento construído por si. Ser capaz de recuperá-lo e reconstruí-lo a cada momento e ser capaz também de assinar embaixo. Para mim é isso que significa leitura.

Daí a necessidade do sujeito construir um conhecimento histórico e reconhecer seus mecanismos, ter a consciência não só das diacronias na história, mas como também das diacronias do próprio sujeito, de seu pensamento e dos movimentos deste, por sinal, em constante alteração. Entender isso é ter como parêntese as várias histórias de leitura, as várias histórias de pedagogias ou de formas de compartilhar os conhecimentos da leitura com textos e saber que tudo que está aqui hoje foi construído artificialmente, advindo de diversas formas e experiências e, a maioria delas, todas malogradas; para construir um mundo plurifacetado de formas de se ensinar pela leitura.

Com a consciência histórica que construiu no decorrer da carreira, como avalia o papel que a literatura ocupava no passado e ocupa na atualidade?

Érico Braga Barbosa Lima: Esta é uma pergunta impossível de responder completamente, mas vou relatar algumas de minhas experiências pessoais. Até o momento de eu fazer a minha tese de doutorado eu não tinha tomado consciência de que o gosto pela leitura e a literatura eram coisas tão pessoais. Como se a literatura ser o centro do mundo fizesse parte do sujeito achar que ele é o centro do mundo e vice-versa. Essa visão diferenciada da alteridade, de um altruísmo que substituí o egocentrismo foi algo que em mim foi se alterando de modo alarmante a partir do momento que comecei a dar aulas em Universidades da periferia, do subúrbio do Rio de Janeiro. Para mim – como filho único, criado em uma casa que tinha biblioteca, meus pais eram leitores, minha avó me ensinou a ler quando eu tinha quatro anos de idade, li tudo o que podia desta biblioteca até os 14 anos de idade, digamos, sem entendê-los, mas lia porque achava a leitura natural –foi muito difícil conseguir compreender que as pessoas nasciam em lares nos quais os pais não gostam de leitura; não têm livros ou só têm livros técnicos; que a maioria dos colégios que frequentam, quando têm biblioteca, não tem mediadores de leitura. Digo isto porque fiz esta pesquisa com meus alunos: mais de cinco mil jovens cujas experiências com bibliotecas eram praticamente nulas. Arrisco dizer que aproximadamente 50% desses alunos me contaram que não havia biblioteca em suas escolas ou eram simplesmente portas fechadas com livros lá dentro, como um estoque. Quando havia biblioteca, em um de cem desses casos havia uma pessoa que levava os alunos ou eventualmente havia uma bibliotecária interessada em cativar os alunos. As bibliotecas escolares, na maioria das vezes, são como um consultório odontológico, o aluno vai até lá, passa por um procedimento e sai.

Em meu doutorado, também entrevistei um pedreiro que criou uma biblioteca comunitária dentro de casa com mais de 50.000 livros, e era uma pessoa com uma formação completamente diferente da minha. Isso me proporcionou um aprendizado profícuo e que procuro levar para os alunos de graduação e pós-graduação, às participações em bancas de defesa e palestras. A literatura não está no centro do mundo. Considero, com essas experiências, que é preciso tirar a literatura do umbigo, pois o mundo não é feito de literatura. Ela é uma espécie de “respiro”, de articulador estético e filosófico, uma forma de registro estético que existe sobre a humanidade e a partir dela. Parafraseando Tobias Barreto, quando questionado sobre “o que é literatura”, ele respondia com uma equação, também de maneira genérica: “a literatura é a estética da inteligência”.

Portanto, responder a esta pergunta, mesmo que seja com minha própria experiência ou em relação à realidade do município do Rio de Janeiro, já é muito complicado, porque sempre parte necessariamente de uma experiência subjetiva. O conhecimento histórico sobre a leitura é infinito e também subjetivo. Então, responder sobre o papel da leitura há muito tempo atrás é, ainda, muito mais complicado e também envolve os valores que perpassam o que é literatura e as formas de percepção do sujeito. Mas, mesmo correndo o risco que esta pergunta nos propõe, eu diria que o literário “clássico”, como excelência, ainda existe na alucinação de algumas pessoas, mas que este, “infelizmente” (frise-se), desceu do seu pedestal.

A literatura perdeu, categoricamente, o seu caráter de fetiche, algo que sempre foi o mais importante e ao qual se deve sempre tentar chegar como nível superior de inteligência e de realização estética. Isso acabou! Não existe mais. Quando uma pessoa fala algo desse tipo parece que se reporta aos tempos dourados da literatura. Arrisco dizer, também, que talvez a literatura tenha tido essa importância só durante aproximadamente 200 anos; importância folclórica ou real, mas principalmente baseada no fetiche, desde os anos que compreendem o início do romantismo (pouco antes de 1800), até meados dos anos 1960 e 1970, quando houve outros tipos de “explosões”, como a antropologia e o estruturalismo e outras formas de abordagem do “cultural”. Durante este período o Romantismo nunca terminou, e o próprio romantismo do literário não se dissipou; assim como suas produções, malgrado as extraordinariamente ruins, que foram sua grande maioria e as grandes alimentadoras do espírito humano. Não imaginem vocês que passamos nossa vida inteira lendo somente coisas sublimes. Nós lemos muita porcaria, o que compreende 80%. Coisas que se produziam largamente no século XIX e que, quantitativamente, era o mais lido (e hoje, ainda). Era o que formava as pessoas até as de um nível superior de instrução. É uma discussão na qual não quero adentrar (se ler “Paulo Coelho” ou *Crepúsculo* é válido para se iniciar o leitor...), mas, sim, é um fato que não se pode negar. Atualmente isso não difere muito, mesmo que sempre se mantivesse a ideia de que a literatura fosse “superior” e houvesse textos “menores”. A “literatura em si” hoje em dia desceu de seu pedestal. Não se encara mais o literário como algo que exista de superior para ser lido como necessário para se atingir um espírito ou intelectualidade superiores.

Os baixos índices de leitura no Brasil, inclusive literária, é uma preocupação social, acadêmica e política que atravessou o século XX e adentrou o segundo milênio. O senhor considera que as atuais políticas de governo para o acesso ao livro e à leitura têm impactado para a ampliação da comunidade de leitores no Brasil?

Érico Braga Barbosa Lima: Para mim existe o interesse, no sentido de uma espécie de “aura” que permeia uma linguagem platônica de sonhos e ideais, mas, não tenho visto nenhum impacto efetivo, nenhuma orientação categoricamente transformadora. Eu tenho trabalhado muito mais com análise de projetos de incentivo à leitura que atuam em um microcosmo mais específico. Então, se o sujeito quer criar uma biblioteca comunitária ele pega um monte de livros e disponibiliza?... Daí nós perguntamos: como o entorno social sabe da existência dessa sua biblioteca? O sujeito está panfletando? Para fazer panfleto é preciso ter dinheiro e para receber financiamento, precisa de patrocínio. É preciso organizar os livros, trazer a comunidade para trabalhar conjuntamente. Então quanta coisa é preciso para se fazer uma “boa ação”, além de ser (se assim o quiser) um quixotesco cheio de boas intenções e de energias?!... Só ter um ideal não adianta.

Digamos, então, que uma pessoa interessada, real, com espaço físico, dentro de uma comunidade onde se detectam carências de leitura, queira tomar uma ação em relação ao incentivo à leitura, como por exemplo, o diretor de uma escola. O que ele deve fazer? Ele vai tomar para si uma orientação genérica?...Um “placebão” ideológico?... Isto não basta. Ele depende de uma experiência efetiva, do interesse e participação de sua comunidade, pessoas com experiência, com tirocínio, com dedicação e com organização, que sejam capazes de fazer alguma coisa efetivamente prática, concreta. Elas existem? Elas estão por aí? Elas estão coincidentemente no mesmo lugar? Não sei. Eu não acredito que uma política pública de leitura possa ser capaz de e responsável por conseguir promover essa mobilização ou ter uma eficiência e um impacto prático na vida dessas pessoas.

Digo isso porque trabalhar com material, prover formas de se conseguir executar ações, como por exemplo, de combate ao analfabetismo internáutico ou funcional, para isso não basta colocar computadores em uma sala ou comprar livros. Não adianta, também, só prover uma escola com instalações e colocar ar condicionado em bibliotecas. Isto não funciona, pois se não tiver pessoas que levem as demais até a leitura, se não se consegue investir na formação dessa pessoa e não se crie formas dessa pessoa ser instruída e entender como deve proceder empresarialmente e receber por isso – porque geralmente esse sujeito é mal remunerado e cheio de problemas de formação, financeiros e está tentando de alguma forma sair disso e fazer um curso de pós-graduação –; se não investir nesse sujeito, der a ele as cartilhas práticas, passo a passo, exemplos, não será nenhum tipo de orientação genérica ou filosófica ou um incentivo messiânico que vai conseguir efetivamente algum impacto. O elemento “pessoa” ou, melhor, o professor é o único merecedor de algum tipo de investimento em um momento crítico como esse.

Conte-nos sobre sua experiência com o Projeto Agentes de Leitura – convênio MinC e Cátedra da UNESCO –, no que tange à contribuição desse para o acesso à leitura no País?

Érico Braga Barbosa Lima: Participei na formação dos agentes, escrevendo textos que buscavam unir as teorias sobre leitura às suas práticas e considero importante fazer isso, para que as pessoas possam ter referências e porque esse é um caminho de ida e volta sucessivos. Também fui tutor de agentes de leitura, pessoas que colocam livros embaixo do braço e vão a campo em comunidades, escolas, presídios e nas residências. Considero ir à casa das pessoas um aspecto interessantíssimo e fundamental, porque, uma vez que se é convidado a adentrá-las, estabelece-se uma cumplicidade de leitura. É um bonito projeto por estar afinado com uma realidade intrínseca à leitura, porque por mais que se tenha ideia de leitura como algo beneficentemente solitário, por permitir a introspecção e o contato consigo mesmo, ela tem o outro como viés. Toda leitura tem uma espécie de cumplicidade, lê-se alguém, para alguém ou alguém lê para o outro.

A formação leitora inicial é necessariamente afetiva e oral. Primeiro, as leituras são ouvidas, trocam-se ideias, perpassa-se toda a vida como ouvinte de histórias reais ou imaginárias. Cada história escrita ou contada se remete necessariamente a alguém de quem se fala ou a quem está lendo ou contando a você. Então, essa humanidade e afetividade nunca cessam. O hábito de contar histórias em muito se perdeu ou está sendo substituído pela *Internet*, como também foi nefastamente substituído pela televisão e outros recursos. Nosso projeto de leitura tinha esse aspecto fundamental de ir até as pessoas, dar tempo para que nelas se revelasse a leitura; recuperar as histórias de leitura dentro das famílias; contar novas histórias, recuperar o gosto por trocá-las e promover a reflexão de “como” e “porque” a leitura foi e é importante na vida das pessoas. É um projeto grandioso, não sei se no aspecto quantitativo, mas sim qualitativo.

O que considero mais importante é a continuidade e o acompanhamento desses projetos, porque costumeiramente são colhidos resultados e estes são disponibilizados somente para um grupo de cientistas, um grupo interno, ou se fazem relatórios para o governo. Só. E o retorno para a comunidade participante? Ela participa do processo, e considera-se que lhes foi dado muito, mas e depois?!... Ela se vira sozinha?!... Não quero utilizar *Exupéry* como chavão, mas tu te tornas responsável por aquilo que cativas. Quero dizer com isso que são criadas expectativas nas pessoas, cria-se um potencial latente e depois se deixa isso adormecer. Sem mesmo desenvolver os canais através dos quais aquelas pessoas possam se remeter futuramente, para poderem, por iniciativa própria, dar continuidade, uma próxima etapa a qual ela possa seguir. E ela não sabe como seguir. Vai procurar por si própria sem referências, vai ligar para os agentes do governo, procurar na *internet*?...

Eu não conheço projetos que tenham uma proposta que aponte caminhos para o “depois”. É como desfilar na Sapucaí: acabou o desfile, você está literalmente na rua, de colombina, arara ou de palhaço... Onde esses sujeitos se reencontrarão após serem, de certa forma,

agraciados com um momento coletivo de leitura? Não conheço nenhum projeto até o momento, mesmo que seja arriscado afirmar isso, que tivesse a proposta de deixar ao menos algumas portas ou um “basculantezinho” aberto para dar continuidade ao desenvolvimento daquele potencial, se as pessoas, mesmo por iniciativa própria, quiserem ir um pouco mais adiante como leitor.

Como a escolarização contribui para o desempenho do leitor?

Érico Braga Barbosa Lima: Trarei meu ponto de vista sem ser definitivo ou categórico. Dizer sobre o “desempenho do leitor” abre portas transdisciplinares e horizontes pedagógicos vastos sobre as formas de ser trabalhado e para discutir o aproveitamento (e desenvolvimento) em sala de aula e a partir dela. Não adentrarei naquela ladainha tradicional e clássica que todos já sabem ou então não sabe ou não quer acreditar, que é a situação lastimável dos alunos leitores, pelo menos aqui no município do Rio de Janeiro, de onde eu venho recebendo nos últimos dez anos os *feedback* de meus alunos que são professores de escolas municipais, estaduais e, principalmente, de escolas particulares. Mas essa é a realidade que infelizmente me é dado conhecer.

Há uma divergência de opiniões sobre o leitor se formar em casa ou se formar na escola. Eu sou partidário de que o leitor deve se formar, sim, na escola e, depois, a casa é obrigada a tentar suprir os “deveres de casa” e tentar acompanhar o aluno. Se for depender da família para ser formadora de leitores, o Estado, se é que ele tem alguma responsabilidade sobre a educação leitora de algum dos seus cidadãos, está completamente encrencado. As famílias não são mais leitoras e então, cabe à escola formar, inclusive os familiares de dentro do lar, obrigando-os a ir até a escola. Se não for assim seremos todos formados em “tb” “pq” “kkkk” [em alusão aos *posts* das redes sociais], comprando livros revistas nos jornaleiros ou megastores, que não terão nenhum Machado de Assis, e também nenhum autor secundário ou terciário que dê para ler com mais facilidade do que Castro Alves.

A única coisa que eu gostaria de comentar sobre escolaridade básica, já que não sou professor deste nível de ensino, é uma experiência própria. Como já disse, eu vim de uma família de leitores, que tinha o saudável hábito de se comunicar também por escrito. Na quarta série, o que seria hoje o quinto ano do Ensino Fundamental, alguma pedagoga maluca, uma coordenadora, inventou que nós teríamos que ter uma hora por dia para ler e escrever, duas coisas fundamentais. Um hábito diário de lidar com a palavra, com a organização do pensamento. Isso é o que qualquer um faz, como quem quer ficar forte passar uma hora por dia malhando! Alterna a sequência de músculos, ora executa uma série, ora outra... Já para o leitor e o escritor, não!.. Eles querem sair escrevendo do nada, como se todos fôssemos uma espécie de gênios iluminados, para os quais vem inspiração, e saem escrevendo tudo e qualquer coisa como se aquilo fosse um milagre.

O que eu quero dizer é que em qualquer outro ramo de atividade ou do conhecimento, como tocar violão clássico, pratica-se, dedica-se uma, duas, três horas por dia, para poder aprender alguma coisa, minimamente. Em matéria de leitura e de escrita, não! Nas escolas elas teimam em ter que acontecer paralelamente através de outras atividades analógicas ou ‘criatividades’, mas nunca efetivamente com a arte que se pretende desenvolver. Digo, primeiro, sobre a leitura: se quisermos que uma pessoa aprenda a ler, deixemos de pedagogias, transdisciplinaridades, palavras bonitas, grandes metodologias e coloquemos os professores dedicados à leitura, que gostem efetivamente de ler, que saibam ler, para ler com os seus alunos leituras que sejam, ou que passem a ser, do interesse de todos. Passem suas experiências. Leiam um livro. Gostaram? Só gostar não basta: em frente. Qual foi a passagem que acharam mais interessante? Ah, alguém achou o livro muito violento, muito pedagógico... Afinal, por que a pessoa precisa ficar explicando as coisas o tempo todo, ao invés de insinuar? Se deixassem os alunos lerem, eles mesmos não teriam percebido?... Leitura não é isso? Seria muito mais proveitoso passar uma hora por dia com um professor que goste de ler, que goste de discutir em detalhes um determinado livro, um conto, uma determinada passagem; se o livro fosse lido durante esta hora de aula, lido oralmente e discutido; se houvesse uma intervenção específica, uma oficina, uma experiência estética; se o livro fosse um objeto palpável e a leitura se desenvolva naquele ato, ali, sem restrições ou policiamentos.

Segundo, a escrita: se o sujeito não escreve diariamente não vai aprender a escrever nunca. Nunca, porque os alunos dissociam completamente aquilo que é falado do que é escrito. Não é simplesmente uma situação de ficarem bloqueados emocionalmente. Eles não fazem as associações!...Muitas vezes eles são capazes de falar, explicar uma situação e, no momento seguinte, eles não sabem repetir por escrito a frase que acabaram de dizer no segundo anterior. Isso porque o momento escrito está completa, visceral e disciplinarmente desvinculado do momento oral. E eles têm razão: são atividades musculares diferentes, o cérebro deles não está preparado para aquilo, não precisa ser neurologista para saber disso. Veja: alguém aprende a nadar lendo algum tipo de manual? Ela se afoga. Morre, mesmo! A pessoa sabe respirar, mas quando coloca pé dentro da água a respiração trava. É um meio diferente, uma realidade diferente com a qual não está habituado a lidar em nenhum de seus movimentos naturais; não tem como não ser descoordenado.

Trago agora um ponto de vista que pode parecer “provocativo”, como se costuma dizer por aí... Fui a um evento em um Estado com baixos índices de escolaridade e altos índices de analfabetismo e tive ao meu lado um professor motivado, incentivador. Era do tipo que eu gosto: utopista, romântico e tudo mais. Ele me disse que não iria descansar enquanto naquele Estado tivesse um único analfabeto. A questão que lanço é: por que tirar o adulto analfabeto da sua felicidade cognitiva? De sua capacidade de ver artisticamente o mundo, passados tantos anos construindo todas as linguagens que ele conforma em tudo o que observa em seu entorno? Só para inseri-lo em uma situação humilhante de inferioridade e de incapacidade diante de um código que lhe é completamente desconhecido, sabendo que lhe é completamente desnecessário para a forma de vida que ele desenvolveu e domina?... Ele não é um desafortunado por não saber ler. Ele pode ser um desafortunado por estar

dentro da sociedade em más condições financeiras, geográficas, e por suas condições de vida. Mas aprender a ler é totalmente inútil em uma quantidade praticamente total das atribuições e necessidades que a vida impingiu a ele. O analfabetismo é um direito cultural, um direito histórico. As pessoas têm esse direito. Não estou dizendo que têm direito de serem alijadas ou alienadas de todo tipo de conhecimento. Porque elas não estão e se estão não é por causa disso. Mesmo porque, estamos em um mundo muito mais oralizado e imagético. Toda informação vai chegar para esses adultos analfabetos com muito mais clareza através de um código por meio do qual, ao olhar para as outras pessoas nos olhos, nos jeitos, nos hábitos, eles saibam se estão dizendo a verdade ou não. Muito mais do que através de um código sombrio, cheio de ambiguidades: um bando de letrinhas às quais eles têm que inferir uma coisa por trás da outra, por trás da detrás e ele só poderia fazer isso através de uma cultura que não é absolutamente a sua própria. Se quisermos aproximá-los do conhecimento, não é preciso ensiná-los a ler; querem escolarizá-los? Façam-no, mas na realidade à qual eles estão habituados.

E a coisa é ainda pior. A escola básica como está, não é necessária para todos, que dirá útil. EM alguns casos, nociva. Cinquenta por cento dos alunos que lá estão (os novos, principalmente, e não os que retornaram a ela por vontade própria) estariam talvez muito mais felizes se estivessem aprendendo em outros espaços, desenvolvendo atividades contundentes, satisfatórias pra eles mesmos, práticas, de oficina, de comércio, ou quaisquer outras, do que gastando seu tempo em um lugar no qual não têm o menor interesse no que está sendo dito e de onde não trazem nada na memória.

Para além do desenvolvimento das capacidades cognitivas de leitura e escrita, encontramos desde o início do século XX no Brasil diversos discursos e programas de ensino voltados para a formação do gosto pela leitura. O senhor percebe se o gosto por ler está em pauta na atualidade?

Érico Braga Barbosa Lima: A atualidade é pós-moderna no que tange ao acesso por e às várias tecnologias, embora nem todos tenham condições materiais de utilizá-la. Sendo assim, há muitas pessoas penduradas em celulares (mas não é todo mundo), um bilhão de chineses na *internet* (e já é uma coisa curiosa perguntar o que um bilhão de chineses estão fazendo agora na Internet... O que nos leva a considerar o quão imponderável é essa questão e a possibilidade de se atingir alguma objetividade na resposta...) e a promoção constante para o aumento disso, por motivos não necessariamente nobres. Como professor, tenho a tendência de pressupor o desenvolvimento do gosto crítico pela interpretação dos meios, embora seja utópico achar que a pessoa sozinha no mundo vá conseguir fazer isso sozinha.

Uma professora amiga minha afirmava que não adianta dizer para a pessoa não ver televisão. Ela vai ver. Se é só a isso que ela tem acesso!?...Tem é que ensinar a ver a televisão (ou “ler” a televisão). Não adianta dizer que as pessoas não devem ver os jornais,

porque todos eles têm formação ideológica, mercadológica, orientação editorial ou política. Senão ele não vai poder ler nenhum!... Não é assim. Não significa eliminar todas as suas fontes de leitura como se fossem coisas do capiroto, porque, efetivamente, toda leitura e toda escrita é coisa do capiroto, ou seja, todo texto, toda informação, todo discurso traz sempre intenções, ideologias, subjetividades, repetições, assim como lógicas e formas.

O importante é entender as fontes, as linguagens de leitura em todas as suas atribuições e características, formais e contextuais. Se uma pessoa sabe que a televisão tem uma forte tendência ideológica e mercadológica, esta será lida com esses filtros, até o momento em que ela pode perceber assim: “não me interessa mais ler isto”, seja por saber que está lidando com certos desvios ou porque ocupa demais seu tempo pra oferecer muito pouca coisa em troca. Aí, o sujeito escolhe leituras que sejam mais adequadas ao seu gosto, ao seu desenvolvimento crítico à sua necessidade de saber coisas.

Mas o problema maior é a repetição, porque leitura é o desenvolvimento da interpretação, que é subjetiva, própria. As pessoas estão interpretando a partir de repetições, com leituras já decoradas, como se fosse prova de múltipla escolha em respostas de vestibular. Um professor de filosofia, meu conhecido, dizia que adorava as cartas dos leitores, porque a primeira besteira que a pessoa ouvia ela pegava pra si e começa a repetir com contundência, afirmação, visceralidade. Não vai à fonte, ao questionamento, vai direto aos meios. É ativo, proativo, reativo, catártico. “Atitude”: esta palavra é o maior engodo da atualidade.

Veja: o que importa para o desenvolvimento da leitura é a capacidade de construir sua própria opinião, que o leitor seja o responsável por ampliar sua capacidade crítica. Neste ponto em que estamos, na atualidade, de suposto furor do desenvolvimento da leitura, com todas as mídias, circulação de todas as formas de linguagem e de posturas críticas, o nosso leitor, o leitor geral e universal, continua sendo um grande repetidor de interpretações emprestadas. Solução para isto? Acredito que as pessoas devem sentar e discutir, pensando mais, mais do que pensar que estão discutindo.